

BEDITOS BENEDITOS!¹

João Guilherme da T. Curado – doutorando IESA/UFG
joajgguilherme@hotmail.com
Tereza Caroline Lobo – doutoranda IESA/UFG
terezacarinelobo@hotmail.com

Da união entre Benedito Cipriano Gomes com Benedita Pereira de Siqueira nasce Benedita Cipriano Gomes, Dica, que faz das terras da família um reduto destinado a romarias em função dos dons espirituais que começa a exercer desde criança. Devota de São Benedito comemora esse santo em julho quando reúne inúmeros participantes em torno da manutenção da tradição e da ritualidade de um catolicismo popular que o reverencia junto com o Divino Pai Eterno e Nossa Senhora do Rosário. O evento ocorre no segundo final de semana de julho, contando com missas, procissões, cortejos, levantamento de mastros, fogueira, queima de fogos, ranchão e “comes e bebes”, em destaque a fartura de doces feitos pela comunidade local – uma verdadeira antecipação de festa. Os momentos festivos envolvem o lugar, devido a presença de um mundo simbólico implantado por essa líder messiânica no início do século passado.

Palavras-chave: Festa do Doce – Lagolândia – Identidade – Santa Dica – Catolicismo Popular

A região conhecida hoje por distrito ou povoado de Lagolândia dista cerca de 38 Km de Pirenópolis pela GO-338, sendo mais próximo aos povoados de Capela do Rio do Peixe, Placa e Goianópolis e dos municípios de Goianésia e Vila Propício. Como todos os outros povoados de Pirenópolis, teve sua origem pela aglomeração de pequenas propriedades destinadas à agricultura e/ou pecuária em torno de um caminho que levasse às cidades próximas para escoarem a produção e compra de mantimentos e artefatos não produzidos nas fazendas.

O culto ao Divino Pai Eterno em Lagolândia é visto como um lugar festivo por ser um momento de integração com a história local e com os moradores e seus descendentes que saíram do povoado, mas que retornam e ocupam algumas vezes os postos de Rei ou Rainha durante a festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, que é

¹ Texto publicado originalmente na Revista Deus: salve este devoto! As festas religiosas no Centro-Oeste, resultante do Seminário de Turismo Religioso promovido pela Universidade Católica de Goiás em novembro de 2006. O texto aqui apresentado ocupou as páginas de 25 a 31.

um acontecimento para se sentir com arte e uma intensa fé compartilhada, o sentimento dominante nos rituais tradicionais dos catolicismos rústicos não é nem o arrependimento (que ele fique para a breve Semana Santa de cada ano), nem o pesar (mesmo quando se celebra por um morto) e nem o poder majestoso e terrível do sagrado. Ele é uma espécie de ingênuo e poderoso maravilhamento que por algum tempo se partilha. Uma alegria por se estar “aqui”, vivendo “isto” entre todos (Brandão, 2004, p. 29).

Doce Dica

As glebas que compunham a “terra” tinham por nome Fazenda Mozondó e pertenciam, em grande parte à família Cipriano Gomes oriunda de Itu, Estado de São Paulo (Jayme, 1973, p.117). Com o tempo e a morte do patriarca os filhos recebem a herança e continuam a *lida* juntando-se a novas famílias e expandindo as *cercas*. Assim Benedito Cipriano Gomes casou-se com Benedita Pereira de Siqueira de família tradicional de Pirenópolis, mas sem muita projeção social segundo Jayme (1973, p. 11) e tiveram prole numerosa: Benedita, Bonifácio, Brasil, Benvindo, Boanerges, Ana, Bernarda e Beringélia, todos Cipriano Gomes. Os filhos foram criados nas *partes* da Fazenda Mozondó.

A aglomeração que daria origem ao povoado surge por volta da década de 1920 quando cerca de doze casas em pau-a-pique ou ranchos de folha de buriti são construídos para abrigar os fazendeiros que se reúnem por ocasião das diversas festividades locais que atraíam também moradores mais distantes. Com o tempo o povoado foi se desenvolvendo, casas melhorando, a igreja local ampliada e o calendário festivo incrementado por novas comemorações. Os mais importantes eventos festivos eram dedicados aos “santos” da devoção da maioria dos lavradores locais: Folia de Reis, São João, Festa do Divino Pai Eterno e Festa de Nossa Senhora da Conceição, essa última teve seu nome utilizado durante algum tempo como toponímia da localidade.

Mas sem dúvida de imprecisões numéricas o marco fundador e divulgador de Lagolândia foi Benedita Cipriano Gomes, uma jovem que desde a mais tenra idade tinha “visagens” e “conversava” com os anjos, sendo capaz, segundo relatos, de realizar curas. Essas falas são ainda intensamente divulgadas em Lagolândia, uma espécie de memória coletiva dos *diqueiros* ou seguidores/admiradores de Benedita ou simplesmente Dica como é carinhosamente conhecida. O que é lenda não se sabe, uma vez que segundo Certeau “de fato, a memória é o antimuseu: ela não é localizável. Dela saem clarões nas lendas” (2001, p. 189).

Sendo assim, é por meio das falas e das memórias que vai sendo possível uma interpretação mais concisa deste emaranhado de fatos e boatos que compõem o cenário-lugar de Lagolândia. Para utilizarmos, ainda, uma afirmativa emprestada de Certeau sobre a “invenção do cotidiano” poderíamos dizer que “vista do alto, oferece apenas a miniatura de um quebra-cabeça onde ainda faltam muitas peças” (2001, p. 38).

Talvez a peça-chave para desvendar o lugar seria as inúmeras festas ali realizadas e inventadas, sempre que necessário agrupar a comunidade. Por esse e quem sabe por outros motivos as pessoas locais se solidarizam a cada ano para efetivar as festividades consideradas tradicionais e de significativa importância para a Lagolândia.

Uma importante característica constitui na espacialidade do lugar onde a igreja e o *Salão* – casa comunitária onde Dica realizava trabalhos, sessões de *cura* e espaço onde se davam as reuniões locais - estão em pólos opostos da área central. A igreja é o local de reuniões religiosas e o *Salão* é ponto de referência, saída e chegada de todo e qualquer importante evento realizado em Lagolândia. Ambos carregam em si, os aspectos do sagrado e fica difícil perceber qual desses dois lugares teria a função de hierofania.

O culto no lugar é bastante singular, uma vez que a *adoração* é à Benedita Cipriano Gomes e depois aos santos festejados. A presença de Dica é forte, visível e manifesto. Toda a tradição, hábitos e ritualidade foi introduzida ou difundida sob suas ordens. A Igreja busca, ainda hoje, não contrariar os crentes na *Santa*, termo pejorativo intensamente empregado pelo jornal “Santuário de Trindade” para combater o que os dirigentes católicos goianos temiam: o surgimento de uma líder messiânica do cerrado.

Com as inúmeras intervenções religiosas adotadas por Dica, um misto de catolicismo e espiritismo misturados com terapias alternativas, Lagolândia tornou-se um centro de romaria em busca de auxílios celestes para problemas terrestres, tendo por intermediária a jovem morena de longos cabelos, uma *sertaneja* ou *roceira* como Dica era constantemente chamada.

Adaptando Lagolândia ao que Eliade propõem em *Tratado de história das religiões* pode-se perceber que:

O lugar transforma-se, assim, numa fonte inesgotável de força e sacralidade que permite ao homem, na condição de que ali penetre, tomar parte nessa força e comungar nessa sacralidade. Tornando-se essa intuição elementar do lugar, pela hierofania, um ‘centro’ permanente de sacralidade, ela orienta e explica todo um conjunto de sistemas muitas vezes complexos e densos (Eliade, 2002, p. 296).

Realmente há registros de uma intensa migração e/ou romaria para Lagolândia entre as décadas de 1920 a 1950, quando o lugar era habitado por Benedita Cipriano Gomes. Mas

mesmo depois da mudança de Dica para a nova capital do Estado, Lagolândia continuou sendo visitada, principalmente em momentos de festas por familiares ou pessoas que vinham visitar e/ou vivenciar o lugar.

Durante toda a trajetória “mística” ou “messiânica” Benedita Cipriano Gomes não se esqueceu que a devoção dos seus seguidores era embasada no catolicismo, por isso e também por devoção familiar, instituiu no calendário local algumas festividades como a Folia de Reis, realizada em janeiro e a Festa do Divino Pai Eterno, na qual se juntam a festa de Nossa Senhora do Rosário e a de São Benedito, realizadas na primeira quinzena de julho e tendo por atrativo maior a distribuição de doces. Esse evento hoje também ficou conhecido como Festa do Doce, uma alusão à fartura propagada pela líder local em 1932, quando teve início essa festividade.

A Santa festeira

A festa pode ser percebida como uma forma sintética de reflexão sobre a vida e como um palco de representações onde é possível identificar e caracterizar identidades. Mas ao procurar definir e caracterizar as identidades de Lagolândia, partindo-se de um ritual festivo, adotou-se o princípio de que não se perde identidade e de que ela pode ter seu conteúdo alterado, como observa Cunha:

os traços culturais poderão variar no tempo e no espaço, como de fato variam, sem que isso afete a identidade do grupo. Essa perspectiva está em consonância com o que percebe a cultura como algo essencialmente dinâmico e perpetuamente reelaborado (1986, p. 58-59).

Sendo assim a possibilidade interpretativa dos eventos festivos em Lagolândia tornam-se mais compreensivos, uma vez que a comunidade foi formada por pessoas que lidavam com a terra em troca de salários e proteção e que quando ali chegaram passam ao sistema de cultivo coletivo. O catolicismo até então fortemente presente passa a co-existir com práticas espíritas e de *curandeirismo*, elaborando assim novos caracteres locais. E, se existem identidades, é porque tem algo que permanece ao longo do tempo, ou seja, existe uma estrutura básica que é preservada, no caso a estreita relação com a terra.

As festividades são, portanto, exemplos eficazes para identificar e caracterizar as identidades de uma população como a existente em Lagolândia que de um pequeno

aglomerado de famílias ligadas por parentescos ou relações de vizinhanças passa a receber pessoas oriundas de inúmeras outra localidade.

Nos rituais dos festejos, há uma espécie de linguagem vinculada ao modo de ser da população local, ou seja, à sabedoria popular que compõe sua estrutura social. O universo ritualístico transcende o aspecto religioso.

No momento em que a celebração ganha a rua — e ela o faz com o início das danças e desfiles que acompanham o cortejo ou a procissão —, os eventos dentro da alegre reunião começam a ganhar independência. Danças e fantasias, figuras do desfile e dos carros alegóricos, ritmos e harmonias profanas invadem a tela bem-comportada da comemoração original e, embora estejam articuladas com o todo oficial, cada uma dessas manifestações tem vida própria e significado peculiar (Del Priore, 1994, p. 43).

Durante a festa entrelaçam uma pluralidade de intenções, sendo possível divisar atitudes individuais e coletivas demonstrando formas de participação: confecção dos doces, pagamento de promessas, contribuição para a compra de fogos, acompanhamento dos cortejos, participação direta como reis, rainhas, imperadores, anjos, dentre outras. É fácil reconhecer quem é o *nativo* e como ele se vê. Mesmo considerando o dinamismo cultural, o rito perpassa o tempo criando práticas religiosas que retomam o passado, no presente, alcançando a compreensão da condição humana que este oculta. “Através do ritual a experiência individual subjetiva interage e é modelada pelas forças sociais” (Kertzer, 1988, p. 10)². O ritual “diz e faz” ao mesmo tempo (Hatzfeld, 1993, p. 45), dando forma ao corpo social. Um “olhar” sobre o evento faculta inteligibilidade ao mundo real, que em Lagolândia apresenta-se tradicionalmente ligado às práticas deixadas por Dica, tanto nos aspectos sociais e religiosos quanto nos festivos.

A tradição está vinculada ao que Halbwachs (2004) denomina “memória coletiva”, cujo passado não é preservado, mas reconstruído coletivamente com base no presente. Ao realizarem-se ano após ano, os festejos ligados ao ritual da festa em louvor ao Divino Pai Eterno reproduzem continuamente as memórias de acontecimentos ou estados pretéritos, por isso os festejos são ainda uma *festa* para a população local. Portanto, “a ‘integridade’ da tradição não deriva do simples fato da persistência sobre o tempo, mas do ‘trabalho’ contínuo de interpretação que é realizado para identificar os laços que ligam o presente ao passado” (Giddens, 1997, p. 82). Ligação essa percebida durante o cortejo, onde o que separa os

² “Through ritual the individual’s subjective experience interacts with and is molded by social forces” (Kertzer, 1988, p. 10)

personagens da comunidade é uma delimitação de espaço realizada por fitas o que dá à demarcação uma incrível mobilidade.

A utilização e a manipulação dos símbolos (cortejos, quadros, bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, as insígnias, Banda de Música, os fogos, o as missas e os doces) constantes na Festa do Doce simplificam o sentido dado ao mundo pelos partícipes. Os símbolos transcendem a ordem lógica racional, são símbolos simples que geram atitudes tais, pressupondo determinada interpretação do mundo em que se vive e derivando comportamentos ou crenças como os anjinhos que para a comunidade tem uma significação mais ampla, pois acredita-se que Dica mantinha “colóquios com os anjos”.

A festa, além de ter uma dimensão ritualística, constitui um lugar a partir do envolvimento do participante com o espaço habitado. O festejo, de outro modo, vai constituir um lugar específico com prática e conteúdo emocional, ocupando toda a praça central do povoado e intercalando paradas para a reza e para a folia, momentos de busca de bênçãos e doces que perpassam gerções.

A ligação entre o indivíduo e a comunidade com seu lugar, através do tempo, faz com que as modificações sofridas no lugar sejam incorporadas e reforçadas propiciando o surgimento da sensação de que o lugar teria mantido suas características e persistido como entidade distinta (Ferreira, 2002, p. 47).

Os festejos concedem aos seus participantes uma compreensão da experiência vivida em co-presença, ainda que não seja tematizada, o que concorre para sua perpetuação como fenômeno da cultura local, bem como para sua função integradora e definidora do sentimento de pertencimento à comunidade local. De outro modo, as experiências humanas são repletas de significados, pois, “alcança-se identidade de um lugar pela dramatização das aspirações, necessidades e ritmos funcionais da vida pessoal e dos grupos” (Tuan, 1983, p. 197).

Trazer para o presente um festejo tradicional provoca um inter-relacionamento entre presente, passado e futuro, transcendendo o tempo. E, ao criarem-se novas formas de intervir no espaço, formando o espaço ritualístico, festivo e religioso, transcende-se também o “espaço”. Em síntese, é uma tentativa de domesticar o tempo que se vive e dominar o espaço que se habita, uma prática complicada com as inúmeras intervenções físicas pelas quais Lagolândia vem passando recentemente.

A relação do indivíduo com o seu lugar vai transformá-lo em uma entidade distinta, depositária de uma memória individual e coletiva progressivamente acumulada. A memória

vai agir sobre a sociedade local porque está carregada de valores internalizados, adquirindo uma configuração própria na consciência coletiva (Sanchis, 1983). O morador de Lagolândia, apoiado na concretude do mundo vivido, sedimentado de emoções e experiências, constrói de maneira singular sua história, *seu modo de ser no mundo*.

O lugar tem um sentido de apropriação, em que se tem a consciência do que é e do que existe, como condição de preexistência ao raciocínio inerente ao ser humano e, conseqüentemente, à sua condição de ser social. Assim, “lugares são contextos ou panos de fundo, para a intencionalidade definir objetos ou eventos, ou podem ser objetos da intenção em seu sentido primordial” (Relph, 1980, p. 42)³. O lugar é, pois, o centro das ações e das intenções onde realizamos nossos eventos mais significativos, o que em Lagolândia acontece principalmente no *Salão*.

O festejo do Divino Pai Eterno está de certa forma cultuando a localidade, que é percebida como um lugar muito especial, num “espaço sagrado” ou “centro do mundo” (Eliade, 1991, p. 48). Portanto, repetir anualmente uma festa, utilizando-se para isso da memória e de sua história, o que se intenta é a delimitação de espaços que transcendem os limites físicos e geográficos e criam, por via do imaginário, um lugar marcado por uma existência concreta, com “personalidade” e sentidos próprios.

O momento que envolve o devoto lagolandense num ato de manifestação da fé demonstra que suas práticas sagradas, concernentes ao cumprimento do voto, são individuais e específicas, podendo variar da presença no instante da missa, a participação como rei, rainha ou imperador, até o acompanhamento do cortejo com os pés descalços.

O comportamento do romeiro no espaço sagrado consiste em dar qualidade nova ao que é declarado, desejado e consagrado. Espera-se a mudança das coisas profanas para a esfera do sagrado. Assim é possível reconhecer atos religiosos e práticas religiosas (Rosendahl, 1997, p. 137).

As festas são mecanismos de desenvolvimento e manutenção da coesão social, são momentos de numerosos contatos e de comunicação mais intensa do que qualquer outra ocasião. Além de contribuírem para medrar nos moradores o sentido de integração no grupo, atraem indivíduos de localidades distintas. São meios importantes de angariar prestígio para Lagolândia aos olhos dos visitantes e, conseqüentemente, de estimular em cada morador o sentido de grupo e do próprio valor. Sendo assim, de acordo com Brito “a santa reproduzia em

³ “Places are the contexts or backgrounds for intentionally defined objects or groups of objects or events, or they can be objects of intention in their own right” (Relph, 1980, p. 42).

sua corte as festas religiosas praticadas pela Igreja Católica, na qual fora criada. Nessas ocasiões, o lugar era invadido por romeiros vindos dos mais diversos lugares (testemunhas falam em 6 mil pessoas)” (2006, p. 31).

Numa festa de santo que traz à memória os laços com os ancestrais e que consegue congregar indivíduos em torno de uma prática festivo-religiosa, fica latente o compartilhamento de crenças e idéias, o que, de certa forma, reforça as ligações recíprocas e a interação simbólica entre os participantes, mormente diante das mudanças sofridas pelo lugar, tornando-se uma fonte quase inesgotável de identidades.

Lagolândia, Lugar Festivo

Como lugar, a festa contém momentos que expressam a permanência e a duração. Mas sabe-se que todo festejo é dinâmico e, ao longo de sua existência, é passível de perder determinados aspectos considerados, antanho, importantes. Algumas alterações, existentes e necessárias são percebidas e recebidas de maneiras diferentes entre os partícipes. O que faz da festa, portanto, um lugar íntimo, um lar, um mundo pequeno e familiar, no entanto, infinitamente complexo. Para Del Priore, a festa “se faz no interior de um território lúdico, onde se exprimem igualmente as frustrações, revanches e reivindicações dos vários grupos que compõem uma sociedade” (1994, p. 9), criando assim um mundo próprio. Segundo a autora, a “expressão teatral de uma organização social” (1994, p. 10) tece relações que articulam em diferentes escalas os diversos atores e elementos que se encontram em jogo no momento da festa. As insígnias presentes no evento (coroas, fitas, bandeiras, doces, bandejas com frutas) e as formas de participação de quem festeja (devoto, rei, rainha, imperador) e de quem observa (visitantes, políticos, comunidade em geral) prescrevem manifestações da trama festiva, estando cada uma delas em constante mutação, enquanto articulam as tensões próprias do lugar onde são engendradas.

As alterações ocorridas no lugar, como por exemplo, o incremento populacional verificado por Vasconcellos onde aponta que

algumas testemunhas crêem que lá viviam 300 pessoas. Mas a grande maioria delas diz ser de mais de 500 ou mesmo 600 os que estavam fixados no *reduto*. A certeza existe é que o vilarejo se viu, de repente, acrescido de um número substancial de habitantes e que aquela aldeola de umas doze casas se transformou em uma vila coberta de casas (1991, p. 82 - grifos do autor).

Assim com as mudanças inversas percebidas ao relacionar dados do IBGE e da Funasa quando a população passa de 483 em 2000 para 249 em 2005. Ou quando se verifica o pequeno registro de pacientes atendidos durante as visitas médicas registradas em Lagolândia em relação aos outros povoados do município, bem como a falta de empregos e o excesso de pessoas vivendo de programas assistenciais governamentais, são fatores que contribuem para a manutenção da grande união existente entre as pessoas e/com o lugar em que vivem.

Para a realização da Festa do Doce essas características se tornam latentes uma vez que a produção é conjunta e conta com apoio das pessoas da comunidade, independente da condição financeira que possuem. Uns ajudam com açúcar, frutas, vasilhames, lenhas, outros colaboram com trabalho. Tanto uns como os outros, homens, mulheres e crianças se reúnem quase sempre no *Salão* com uma antecedência de vinte ou trinta dias para produzirem os doces a serem servidos na festa. Os momentos de encontro ou integração contam com ritualidade própria, onde cânticos e rezas são entoados ao pontuar os doces ou ao descascar, cortar ou ralar frutas, fazendo do momento de trabalho uma verdadeira festa, ou pelo menos uma antecipação da festa.

A quantidade de doce produzido para a Festa é enorme em relação ao número de participantes e medida geralmente por *latas*, geralmente receptoras de 18 quilos. Para o ano de 2006 foram produzidas mais de 60 *latas* segundo informantes locais, mas em registros anteriores relativos a 2004 a produção chegou a 78, o equivalente a 1404 quilos de doces.

O Reinado de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário em Lagolândia ocorre por ocasião da festa do Divino Pai Eterno, conhecida também por Festa do Doce, uma vez que essa especiaria degustativa é ricamente distribuída tanto no sábado quanto no domingo após o sorteio do novo imperador – personagem que ocupa o centro da festa. A distribuição pode ocorrer na casa do rei ou rainha, mas nunca deixa de ocorrer no *Salão*, pois foi lá que Dica instituiu tal festa com essa prática de se compartilhar a mesa farta de doces.

Considerações Finais

Benedita Cipriano Gomes, conhecida também como Dica, *Santa Dica* ou *madrinha* foi a responsável pelas transformações ocorridas na Lagoa que de fazendas passou a povoado, distrito (1930) conseguindo emancipação em 1963, mas voltando á condição de distrito quatro anos depois. Enquanto isso a população oscilava. Segundo dados do IBGE em 1940 contava

com 129 habitantes, sendo que em 1950 o lugar era habitado por 1481 pessoas e em 1958 tinha sete mil habitantes (Carvalho, 2001, p. 134).

Benedita Cipriano Gomes foi líder messiânica, pregava a partilha da terra, falava com os *anjos*, realizava *curas*, tinha *visagens*, envolveu-se em política e elegeu o marido prefeito de Pirenópolis, foi aliada e reprimida pelos políticos goianos, escalada para combater a Coluna Prestes acabou amiga deste. Em 14 de outubro de 1925 ocorre o “dia do fogo” quando Lagolândia é metralhada por um destacamento policial do Estado, Dica foi presa em Goiás. Tempos depois, por ocasião da Revolução de 1932 acabou agraciada com a patente de Cabo do Exército Brasileiro.

A vida de Benedita Cipriano Gomes foi tema de livros, dissertações, monografias, pinturas, desenhos, documentários e filme, mas é em Lagolândia e nas festas ali realizadas que se encontra, na sutileza traços deixados na comunidade, o que para Terrin implica que “perceber é viver dentro de uma contextualidade, a qual, por sua vez, encarna-se e toma a forma de um lugar, de um ambiente, de um modo de ‘habitar’ o mundo” (2004, p. 197), e é essa possibilidade de perceber a presença de Dica na Lagolândia a todo momento, em todos os lugares e modos de fazer e viver que faz da festa...uma doce festa!

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Goiânia: UFG, 2004. 412p.

BRITO, Eleonora Zicari Costa de. O dia do Fogo. In: *Nossa História*. São Paulo: Editora Vera Cruz, ano 3, nº 30, abril-2006. p. 30-33.

CARVALHO, Adelmo de. *Pirenópolis – Coletânea 1727-2000: História, Turismo e Curiosidades*. Goiânia: Kelps, 2001. 213p.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. 6ª ed. Trad. Ephraimferreira Alves. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001. 315p.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1996. 173p.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994. 136p.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. Trad. Sônia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 178p.

_____. *Tratados de história das religiões*. 2ª ed. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 479p.

FERREIRA, Luiz Felipe. Iluminando o lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). In: *Boletim Goiano de Geografia*. Goiânia: UFG, 2002, Vol. 22, nº. 01. p.43-72.

GIDDENS, Anthony. *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997, 264p.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004. 197p.

HATZFELD, Henri. *As raízes da Religião: tradição – ritual – valores*. Trad. Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. 284p.

JAYME, Jarbas. *Famílias Pirenopolinas: ensaios genealógicos*. Goiânia: UFG, 1973. Vols.IV a V.

KERTZER, David. *Ritual, politics and power*. London/New Haven, Yale University Press, 1988. p. 1-14.

HELPH, Edward. *Place and Placelessness*. London, Pion, 1980. 161p.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, Iná de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 119-153.

SANCHIS, Pierre. *Arraial: Festa de um povo*. (Tradução Madalena Mendes de Matos). 2ª ed., Lisboa: Dom Quixote, 1983.

TERRIN, Aldo Natale. *O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2004. 448p.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. (Trad. Livia de Oliveira), São Paulo: Difel, 1983.

VASCONCELLOS, Lauro de. *Santa Dica: encantamento do mundo ou coisa do povo*. Goiânia: Cegraf/UFG, 1991. 211p.